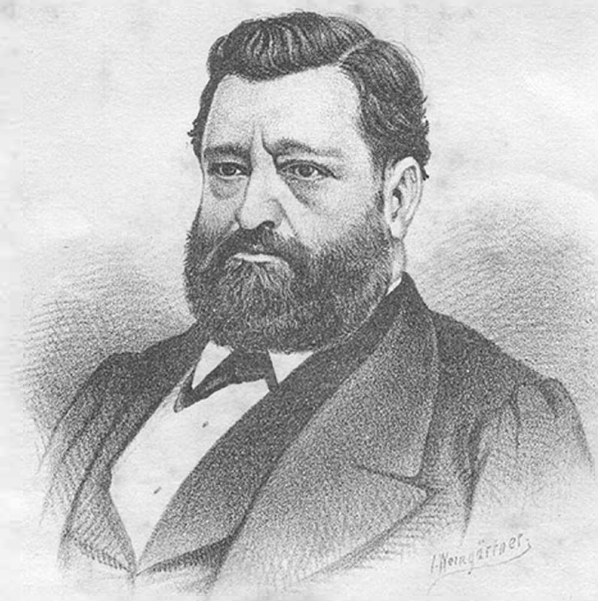


San Sepi 14-3-1914



Jose Martins de Lima

Lith. de J. Alves Leite Successores

REVISTA CONTEMPORANEA
DO
PARTHENON LITTERARIO.

CONSAGRADA A'S LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

APPELLES PORTO ALEGRE.

ARTHUR ROCHA.

AUGUSTO TOTTA.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

APPOLLYNARIO PORTO ALEGRE.

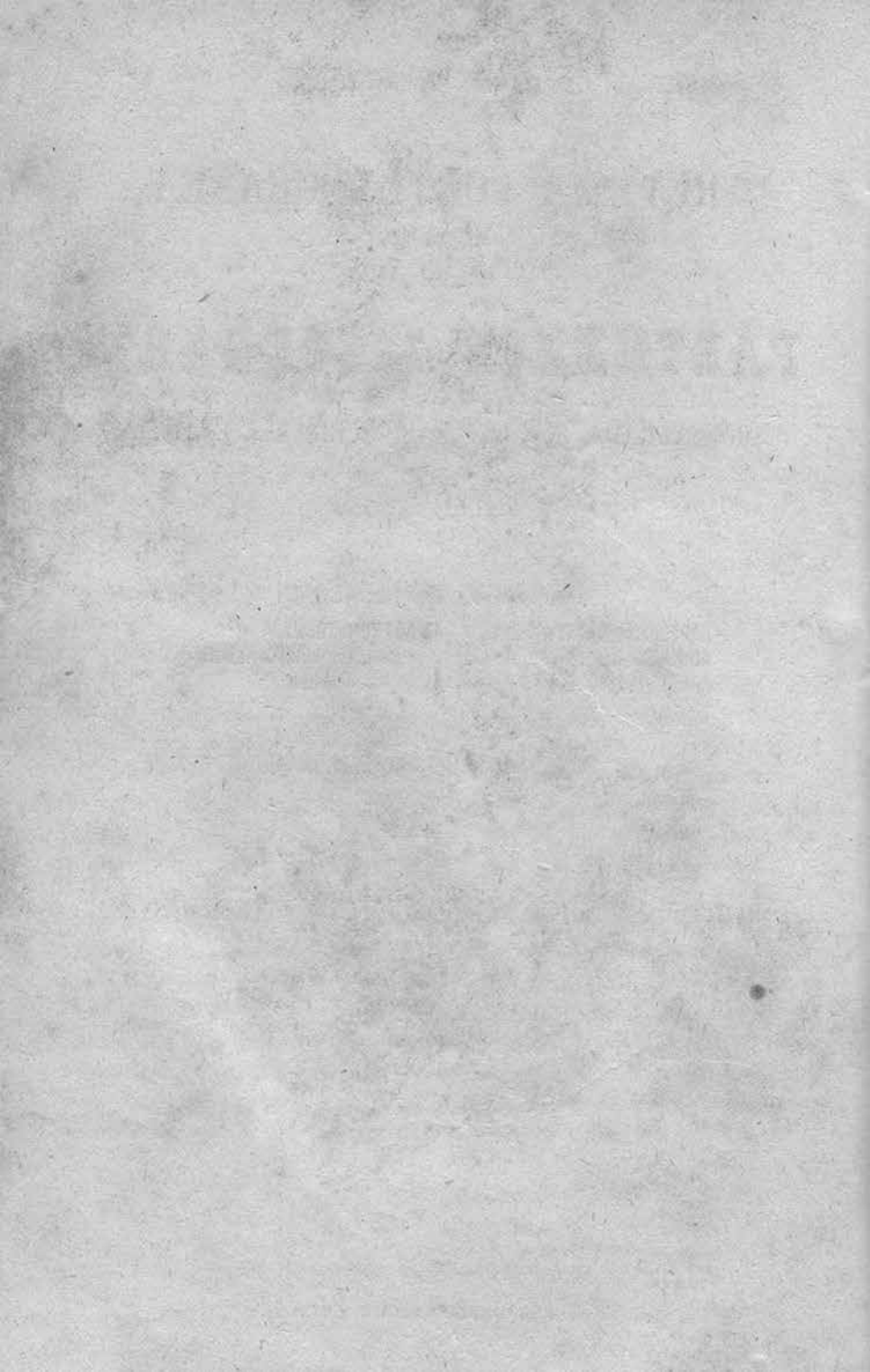
ALVES TORRES.

REDACTOR E GERENTE:

JOSÉ BERNARDO DOS SANTOS.

PORTO ALEGRE. ANNO XI DO PARTHENON.





José Martins de Lima.

O *Parthenon Litterario* votou sempre culto ao que é grande e nobre.

Instituição creada para os certamens litterarios, tem com o correr dos annos, distendido os horizontes de seu programma.

A litteratura rio grandense, que adormecera no tumulo de Felix da Cunha, o principe do talento, o moço ao mesmo tempo publicista, orador e poeta, reviveo ao influxo do *Parthenon*.

A discussão de theses; a criação de sua bibliotheca, a publicação de uma revista, — trabalho immenso n'uma terra em que era preciso dar batalha diaria á prejuizos pueris e á ignorancia presumida, não bastarão para absorver-lhe a actividade.

E o *Parthenon* voltou vistas sollicitas para os miseros, que não tem acção nem vontade propria, e iniciou a propaganda da emancipação dos escravos, e, mais do que isso, passou da palavra ao exemplo, e n'uma festa para sempre memoravel fez entrar para o dominio dos livres cinquenta crianças, que tinham nascido escravas.

A associação consagrada ás letras fez-se instituição humanitaria. Teve o applauso do povo e a benção do céu, que a Deos nada mais agradavel podia ser do que ver que o amor do proximo reunia a mocidade para um fim util e grandiozo.

Isto que é sabido, e que é a gloria do *Parthenon*, veio á pello para justificar a proposição que enunciei ao começar — que o *Parthenon* tem o culto do que é grande e nobre.

Na segunda e terceira épocas d'esta revista a lythographia encarregou-se de honrar o talento, a virtude e o heroismo, apresentando-nos os retratos de Araújo Porto Alegre, padre João de Santa Barbara, Ferreira Neves, Timotheo, Mendonça e tantos outros filhos illustres desta Provincia, mãe infeliz, que tem visto sumirem-se nas solidões do sepulchro nobres athletas, que tombarão esforçando-se pela sua gloria e com seu doce nome nos labios.

A quarta época iniciou-se com o rétrato do venerando sacerdote, a quem este paiz deve beneficios, cuja importancia não se calcula, porque a mais avançada estimativa ficaria muito aquem do valor real que tem.

Hoje segue-se o retrato de um homem notavel relativamente á esta cidade, onde a sua memoria perdurará acatada com o respeito que devem merecer a nobreza do coração, a elevação dos sentimentos, a comprehensão do dever, a pratica da virtude, o exercicio do bem.

José Martins de Lima iniciou modestamente n'esta cidade a sua vida.

Estabelecido com uma casa de negocio, consagrou-se com tenacidade ao trabalho, e por effeito de seus esforços e de economias pôde ir accumulando capitaes e abrindo caminho a mais elevada posição social.

O tino com que geria os seus negocios não passou desapercibido, e a aptidão de José Martins de Lima foi posta em prova em differentes associações, entre as quaes recordaremos o Banco da Provincia e a Companhia Hydraulica porto-alegrense.

Fazendo mais de uma vez parte da directoria de taes associações, Martins de Lima creou uma reputação invejavel pelo lado da honradez, actividade e perspicacia. Nenhuma incumbencia lhe foi commettida, que não tivesse de prompto o mais satisfactorio desempenho, e assim foi que o simples nome de José Martins de Lima era uma garantia, uma recommendação em qualquer tentamen a que se associasse.

Por uma inspiração feliz José Martins de Lima foi chamado a presidir os destinos da sociedade de beneficencia Brasileira-União, á qual prestára elle já bons serviços anteriormente.

Comprehendendo toda a importancia do encargo posto a seus hombros, e desejo de ser util a seus concidadãos,

acceitou elle a penosa tarefa no firme proposito de transformar completamente as condicoes da sociedade.

E o conseguio, aquelle genio activo, incansavel, emprehendedor, progressista.

Poz em contribuição toda a influencia, que a sua posição pecuniaria e politica lhe accarretára, desenvolveo assombrosa diligencia, e a *Brasileira-União* entrou n'um periodo de progresso como não tivera igual desde a sua fundação. Cresceo immensamente o numero de socios, alargou-se a esphera dos beneficios, e todos só tinhão louvores para o presidente-modelo, que assignalava a sua gestão com uma época de verdadeiro renascimento.

Foi por tal occasião que o flagello do cholera-morbus fez a sua segunda vizita a esta cidade.

A beneficencia abriu os seus salões aos atacados do terrivel mal.

José Martins de Lima foi então sublime de esforço e de caridade; a todas as horas no seu posto de honra, contribuiu por seu zelo inexcédível, por sua constancia sem par para minorar os soffrimentos de muitos que lograrão resistir á desoladora epidemia.

O Presidente da Provincia, que era então o Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, testemunha ocular do procedimento acima de todo o encomio do distincto cidadão, recommendou o seu nome á munificencia imperial, e em breve a commenda de Christo foi com toda a justiça ornar o peito, onde se aninhava tão nobre coração.

Ainda alguns annos mais tarde voltou José Martins de Lima á presidencia da sociedade, em occasião em que esta parecia cahida de sua antiga grandeza e prosperidade por effeito do descumprimento de transactas administrações.

Erão precarias as circumstancias, difficultoza a direcção quando todas as vistas se voltarão para o unico homem capaz de conjurar a crise e fazer reentrar a sociedade na próspera senda d'outros tempos; e José Martins de Lima correspondeo por tal modo á expectativa, que dentro em pouco o deficit desapparecia e raiavão para a sociedade os dias da fortuna.

Abraçando de coração a idéa do curso nocturno para adultos, contribuiu o digno cidadão para mantel-o por muito tempo, concorrendo de seu bolsinho para ajudar o custeio das indispensaveis despezas.

A *Brasileira-União* não teve até hoje mais benemerito socio: os melhoramentos que José Martins alli iniciou e realizou, perdurão e hão de tornar sempre lembrado o seu nome, que n'aquella casa será pronunciado com veneração e saudade sempre que se tiver de distinguir administrações zelosas e patrioticas.

O municipio de Porto Alegre em tres quatriennios conferio a José Martins um lugar na Camara, e por vezes coube-lhe a honra de presidir interinamente essa corporação.

Sabem todos o que foi José Martins de Lima como vereador. Os principaes melhoramentos com que n'aquelle periodo tem sido dotada a cidade, forão realizados por sua iniciativa ou por sua efficacissima coadjuvação.

Eleito sempre pelos suffragios principalmente do partido liberal, de que ultimamente se tornára chefe no districto de sua residencia (3º da cidade), José Martins pugnou sempre pela descentralisação, procurando isentar as municipalidades das pêas que as prendem ao poder executivo, e as inhabilitão muitas vezes de promover como convêm o engrandecimento local.

Os adversarios politicos, si não podião dar-lhe os seus votos, nunca negarão-lhe a devida justiça, e derão sempre testemunho de sua elevação de vistas pelo que respeitava a prerogativas da municipalidade. de sua contracção aos deveres impostos pelo mandato popular, de sua dedicação pelos interesses da cidade de que era representante.

Não cabe nos limites deste artigo, escripto ás pressas, uma rezenha dos factos importantes a que se acha ligado o nome de José Martins de Lima como vereador da Camara Municipal; faltão-nos mesmo na occasião dados, que procuraremos reunir para trabalho de mais folego, que empreehenderemos si outrem mais habilitado não o tomar a peito.

Exerceo elle ainda outros cargos de eleição popular, e de nomeação do governo, e em todos não desmentio os seus conhecidos antecedentes.

A irmandade de S. Miguel e Almas deve-lhe tudo; o que existe, si não é no todo obra daquelle homem extraordinario na esphera em que exerceo a sua actividade, teve delle larga cooperação.

Ainda ultimamente a irmandade marchava para a decadencia, e o braço potente de José Martins arrancou-a

do abysmo; infelizmente a morte tomou-o em meio da tarefa, a que elle se consagrava com o ardor com que costumava trabalhar sempre que as circumstancias se afiguravão difficeis.

Valendo muito como homem publico, vejamos se o particular diminuia de merecimento.

Que — não, dil-o, sinão a população de toda a capital da provincia, com certeza a do 3º districto, sem distincção de côr politica.

José Martins de Lima por seu espirito caritativo, por sua expansibilidade, por seus sentimentos generosos, era muito estimado pelo povo de sua parochia.

Sem alarde, como prescreve a lei divina, e só pela satisfação da consciencia, a sua esmola foi muita vez enchugar lagrimas produzidas pela dôr e a miseria. Ainda no dia de seu enterro ouvimos a muita gente a confissão de actos de caridade até então ignorados, o testemunho de beneficios que só uma alma pura podia praticar.

Quando formava talvez planos gigantescos em prol das corporações a que votava a sua attenção e interesse, veio sorprendel-o a morte.

A 16 de Dezembro de 1878, depois de uma semana de soffrimentos, exhalou elle o ultimo suspiro no meio de amigos dedicados, que o cercavão desde que a molestia assumio certo character de gravidade.

Precedera-o na grande viagem para a Eternidade sua espoza, ha quatro annos fallecida.

Ao seu enterro concorrerão muitas pessoas gradas; sem distincção de partidos forão prestadas ao finado todas as honras a que fizera juz.

O municipio perdeu um patriotico e esforçado representante; os amigos — um amigo em cujo coração guardavão-se as mais excelsas virtudes; a pobreza — um protector desvelado; o partido liberal — o seu mais forte esteio, o seu maior elemento.

O *Parthenon* pela penna de seu mais humilde socio depozita uma saudade no tumulo dô illustre cidadão, em quem a mocidade tem o exemplo de que a força de vontade é a escada por onde se sóbe das mais modestas ás mais altas posições sociaes.

Aurelio de Bittencourt.

José de Anchieta.

(Continuação).

III.

Quando Carlos V foi proclamado rei pelo cardeal Ximenes, em 1516, encontrou energica opposição da parte dos hespanhóes e só depois de annos de luctas intestinas é que elle conseguiu tornar una e effectiva sua autoridade sobre o áltivo povo, que a repellia. Mas a cabeça de João Padilla, promotor da liga das communas na assembléa de Avila e um dos mais denodados chefes do partido nacional, rolou de cima do patíbulo, acontecimento que deo os ultimos golpes na reacção patriotica contra o intruso filho de Gand.

Muitos nobres implicados no movimento insurreicional transpuzerão as fronteiras da patria em demanda de athmosphera, onde melhor respirassem e onde o cutello da tyran-
nia, como a espada de Damócles, não estivesse de continuo impendente sobre suas cabeças.

A alma tambem tem um pulmão e quer lavar-se nos ares puros da liberdade; quando esta começa a corromper-se, é como nos palustres em que as condições da vida physica desaparecem pelos miasmas do ambiente, que produzem calafrios, fébre e delirio: as revoluções são as intermittentes de um povo, cujas idéias embebêrão-se da méphitis d'um regimen despotico.

A Hespanha, com o dominio do herdeiro de Joanna Louca, vio descer no occaso as franquias e fóros das communas, a reunião das antigas côrtes, garantia de seus direitos. Foi elle no occidente um dos collaboradores da

uzurpação do elemento monarchico nas liberdades populares; novo Polycrate, ponde sob os auspicios de extranha felicidade iniciar o assalto á velha constituição de Aragão e Castella.

Entre outros communeros, que se expatriarão, notava-se Anchieta, descendente d'uma illustre casa da provincia vasgonça de Guipuscôa. Como os companheiros de infortunio, partio com o coração despedaçado, os olhos em pranto: mas preferindo um outro espaço em remota distância. Era o *ubi bene, ibi patria est*, mas não o suave recôrdo do berço natalicio. o scenario da infancia com os longes azues das reminiscencias, a collina que vimos sempre recortando o horizonte, o lar paterno e mil pequenos accidentes, que volvem á mente sempre risonhos em todas as differentes épocas da vida. Mas antes o exilio com tanta saudade do que um meio difficil e pezado ao desenvolvimento de nossas forças e faculdades naturaes. E depois... era lá de cima das alturas alpestres e colossaes do Tenerife! Para uma alma, ninho de sentimentos livres, só um pedestal assim: os condores tem por pouso as eminencias serrís.

Ali destaca o Teydo, quasi quatro mil metros sobre o nivel do mar, topeçando com os céos, e cujo fastigio se corôa constantemente de nuvens, quando não solta o estampido tremendo, não cóspe a metralha da lava ardente de mescla com as visceras de rocha; ali, as encostas de luxuriosa vegetação, em payzagens de encantos sinistros e paradizica amenidade; ali, em torno, a savana das aguas, diante da qual nas horas silentes o espirito humano busca em vão o termo que reproduza em todos os cambiantes o sentimento despertado por sua immensidade phosphorescente, fluctuante e mysteriosa nos rumores.

O biscaíno foi pedir hospitalidade ao tecto do guancho, coração não menos valeroso, não menos digno d'aquellas perspectivas hercúleas e altivas; pois o pendão de Castella não triumphára facilmente da população aborigena, e Fernandes de Lugo não ferio poucos combates para conseguir a completa submissão da ilha.

O lidador das communas ali fixou-se e creou raizes no solo, espozando uma filha do paiz, natural da Gran-Canaria.

IV.

D'este consorcio nasceo José de Anchieta, em 1533, um anno antes da fundação da Ordem, de que seria um dos mais bellos ornamentos.

Os primeiros annos deslizou-lhe a existencia entre as maravilhas e portentos da natureza da terra natal. A alma do infante recebeu a imagem, o cunho da creação d'aquelles sitios, tendo já recebido no mysterio da placenta o germen da coragem do character paterno.

Cedo a intelligencia manifestou-se-lhe, e o hidalgo como bom cultor tratou de transmittir-lhe os conhecimentos de que dispunha, dirigindo os passos incertos do filho, á quem estava reservado nas florestas do Novo-Mundo um importante papel.

Terminado o tirocinio sob o olhar domestico, foi mandado para a universidade de Coimbra á completar os estudos. Matriculou-se aos 14 annos, cursando com grande aproveitamento e nomeada as aulas de latim, philosophia e bellas lettras.

Os Jesuitas procurando então attrahir á Ordem todos os talentos em embrião, mas de promessas brilhantes, logo cuidarão de insinuar-se no animo do jovem estudante e tal pintura lhe fizerão da missão que a si avocavão, que elle entrou em seu grémio.

O passeio ás margens do Mondego, o illapso que o arrebatou em pensamento aos céos, o voto de castidade, a consagração de sua vida ante o altar da Virgem, na cathedral e outras peripecias, são recursos mais proprios d'um romance phantastico á maneira de Hoffmann e Poe, do que condignos da gravidade da biographia. Elle não necessita de mecanismos de opera, pensamos como Southey, para sobresaahir na téla dos acontecimentos. Estamos n'um seculo, onde o maravilhozo prejudica a verdade. A critica, fundada na autoridade scientifica, cada vez mais ampla na periphéria, mais vasta e poderosa em seus meios de acção, mais formidavel em seus arraiaes, leva o escarpello ao fundo de todas as questões, esquadrinha o ultimo recesso, palpa a derradeira fibra, e, depois d'este escrupuloso exame, transfórma um bello artefacto respeitavel pelas idades ás proporções d'um infusorio.

Quantos bustos na hora que sôa, não forão apeiados do fuste da gloria ao necroterio do esquecimento!

Quantos factos com a sanção secular, não passarão pela analyse spectral do pensamento moderno, e, decompostos em seus minimos elementos, não estão hoje reduzidos a imperceptiveis nugas, sem o prestigio que outr'ora se lhes ligava?

O que tem escapado a esta sêde tantalica de pesquisa e esmerilhação? A propria individualidade do filho de Nazareth, cada vez mais agigantada, mais prodigiosa, não soffreo o mesmo processo no crisol da sciencia actual?

Ainda assim não vamos até o excesso de collocar Socrates e Pascal n'um hospicio, como o fez o celebre medico francez Lelut nas duas obras *Demonio familiar* de Socrates e *Amuleto* de Pascal, estudos psycho-physiologicos, onde os considera enfermos das faculdades mentaes. Ahi mesmo, no entretanto, relativamente ao culto dos grandes homens, quanta justeza nas ponderações, quanta verdade n'uma época em que descerão o creador das áras e adorão as creaturas, algumas das quaes de renome facticio e momentaneo para servir a interesses de outros!*)

Com respeito a Anchieta todos os ornatos mythicos devidos ao bollandismo, sobre o ineffavel gemido do Espirito Santo na alma do adolescente não são senão o colorido ao insufflo do provincial Simão Rodrigues e da caza do Nome Santo de Jesus, em Coimbra.

Reconhecendo n'elle grandes aptidões, empregarão todos os meios para terem-n'o, o que não lhes foi, de certo, difficil em razão de sua indole meiga, e de um coração capaz de abnegativa renuncia de si mesmo n'esse enthusiasmo que transpõe ás vezes o impossivel; mórmente aos dezeseite annos, phase em que se abraça uma causa e morré-se por ella com a alegria estampada nas feições.

Pereira da Silva**) não ouza encarar em face ao conto

*) Il semblerait qu'on en fût revenu à cette époque de notre littérature où la biographie d'un homme illustre n'était que son apothéose, et où l'on eût craint de manquer de respect au génie en retraçant ses faiblesses. . . . Certes, le culte de ces esprits supérieurs a été et sera toujours un des premiers devoirs d'une société bien ordonnée, comme leur gloire est son plus bel héritage. Mais ce culte ne doit jamais aller jusqu'à l'idolâtrie. *Amulette* de Pascal.

**) *Varões illustres.*

e diz: „Dando-se credito á chronica do padre Balthazar Telles, ás historias dos padres Simão de Vasconcellos, Euzebio de Nurembergue, Nicoláo Orlandini e Pedro Rodrigues, e á „*Vida de José de Anchieta*“, que do latim de Sebastião Beretario trasladou em castelhano o padre Estevão de Paternina, um verdadeiro milagre de Deos foi que convenceo e inspirou o zelo e fervor religioso de José de Anchieta.“

(*Continúa.*)

Iriêma.

José

Drama em 1 prologo e 3 actos.

Por

ARTHUR ROCHA.

Representado pela primeira vez no theatro S. Pedro, na noite de 15 de Agosto de 1878, em espectáculo de inauguração do *Gymnasio Dramatico*.

Personagens.

Do prólogo:

José.

Alfredo de Magalhães.

Luiz da Cunha.

Clara.

(A acção passa-se na Bahia.)

Dos actos:

José, jornalista.

Arnaldo de Mattos.

Luiz da Cunha.

Carlos, seu filho.

Silveira

Salustiano } rapazes.

Amaral

Angela, afillhada de José.

Criados, convidados etc.

(A acção passa-se no Rio de Janeiro. 19 annos depois da do prólogo.)

A Sociedade *Gymnasio Dramatico* offerece

O autor.

Prólogo.

O theatro representa um compartimento denotando extrema pobreza. Ao levantar o panno — é noute. Clara trabalha em costura, á direita, á luz de uma vela, tendo junto de si um berço, que balança, entoando baixinho o canto vulgarissimo com que se adormece as crianças. Depois de curta pauza, batem á porta do fundo.

Scena 1ª

CLARA e JOSÉ.

CLARA.

Quem bate?

JOSÉ.

(Fôra). — Sou eu, D. Clara.

CLARA.

Eu . . . eu quem?

JOSÉ.

(Idem). — Eu . . . o José; abra sem susto.

CLARA.

(Levantando-se). — Ah! és tu? Espera um pouco. (Cobre o filhinho no berço e vae abrir a porta). Desconheci-te a voz.

JOSÉ.

Podéra pois se eu venho rouco. Acha pouco apanhar chuva desde a caza até aqui? Olhe que chove a cantaros, D. Clara!

CLARA.

E para que viéste, José? Deste modo não te posso ser grata; zango-me com certeza.

JOSÉ.

Era o que faltava. Pois eu posso lá passar um dia sem ver a menina e sua filha? Nunca, chovessent embora raios. Já estou acostumado aos aguaceiros, não os extranho. E depois tinha aqui que fazer e não podia de fórma alguma deixar de vir.

CLARA.

Essa tua dedicação, José, é, por assim dizer, o unico arrimo que eu e aquelle anjo (indicando o berço) temos na triste vida que levamos. Não sei que seria de nós se nos

faltasses. E, entretanto, vejo-te n'esse estado e não tenho nada que possa offerecer-te, nada absolutamente. . . .

JOSÉ.

(*Interrompendo-a.*) — Qual offerecer! . . . O José de nada precisa, senão da sua amizade e dos sorrisos d'aquella innocente. (*Pauza.*) Sabe?

CLARA.

O que?

JOSÉ.

Venho de casa d'elle. O diabo não é tão feio como o pintão. Cá lhe trago uns presentezinhos para o pequeno e alguma couza para a senhora.

CLARA.

Como? Pois Alfredo? . . .

JOSÉ.

Sim, senhora. . . . O Sr. Alfredo não a esqueceo, nem tão pouco a sua filhinha.

CLARA.

Então porque me não apparece ha oito dias?

JOSÉ.

Ora por um motivo muito simples. Está . . . está doente.

CLARA.

Tu me enganas, José!

JOSÉ.

Eu, enganar-a?! Não, senhora; fui hoje á sua caza, contei-lhe o estado em que a senhora se acha, e então mandou elle comprar esta roupinha para a fillia, dizendo: O inverno está á porta, é preciso preserval-a do seu furor e preparal-a para o receber convenientemente. Dê-me mais este dinheiro para que lh'o entregasse. (*Vae á meza collocar todos os objectos.*) Manda tambem dizer-lhe que lhe mandará, de vez em quando, alguma cousa que puder economisar de suas despezas obrigatorias.

CLARA.

(*Chorando.*) — Bom Alfredo! Bem me parecia impossivel que tivesse esquecido sua pobre filha. Obrigada, obrigada, José!

JOSÉ.

Não tem que agradecer-me. (*A' parte.*) Pobre senhora!... Como é facil enganar um coração que ama!

CLARA.

Graças, meu Deus, que ainda nos não esqueceo. (*Rapida.*) Mas, dize-me: o que tem elle?... é couza de cuidado?

JOSÉ.

Sim... não... de algum... algum tempo de convalescença; o Sr. Alfredo está muito fraco.

CLARA.

Pobre Alfredo!... Se eu podesse ir vê-lo...

JOSÉ.

Que loucura! Não sabe que o pae seria capaz de matal-a se por ventura a visse?

CLARA.

E' verdade. Em compensação, Alfredo virá ver ao menos sua filhinha, apenas o puder, não é assim?

JOSÉ.

Pelo menos, foi isso o que me assegurou. Mas é de suppôr que o não possa fazer por estes quinze dias.

CLARA.

Céos! Então a sua molestia é assim tão melindrosa?

JOSÉ.

Não, Snra., mas bem sabe que a diéta.... as precauções....

CLARA.

Deos ha de permittir que o seu restabelecimento seja prompto. (*Levanta-se.*) Vou guardar estes vestidos. Espera-me um pouco. Cuida de Angela. (*Sae. — JOSÉ tem se levantado tambem, como para sair; vae ao fundo buscar o capote e volta ás ultimas palavras de CLARA.*)

Scena 2ª

JOSÉ, só.

JOSÉ.

Vae, pobre martyr, que te deixas illudir, como se fôras uma criança. Vae, eu velarei por tí e por tua filha. Por este anjo (*dirige-se ao berço*) que representa a meus olhos uma victima da infamia e da depravação.

Dorme, anjo do céu; dorme, andorinha perdida em escuro céu de terra estranha. . . . Eu serei o guarda fiel de teu somno, o dedicado amigo do teu despertar. Sinto que o que falta no coração de teu pae sóbra no meu. Tua mãe é uma santa, que ainda crê no amor e na bondade de Alfredo, que é um miseravel; e nem percebe, a desgraçada, na dificuldade com que lhe minto, que só eu a protejo, que só eu vélo por ella! Oh! minha mãe, tu, que me ouves talvez, neste instante (*ajoelha-se junto ao berço*), aceita-me o sacrificio voluntario. Quando para soccorrer estas infortunadas creaturas, desamparadas do mundo e desajudadas de Deos, me privo até do pão quotidiano, soffro necessidades e supporto privações incompativeis com a minha educação. é que me lembro de ti, e não faço senão prestar uma homenagem á tua, para mim, sacro-santa memoria.

Scena 3^a

JOSÉ e CLARA.

CLARA.

(*Entrando.*) Que é isso, José? De joelhos! . . .

JOSÉ.

(*Atrapalhado e levantando-se.*) É é verdade, Dona Clara para melhor contemplar sua filha. Estava a ler nos seus sorrisos e na doce placidez de seu dormir os sonhos candorosos e innocentes que, sem duvida, se agitam naquelle craneo infantil. Embriagava-me nessa leitura.

CLARA.

Ah! José, não sei como pagar-te tanta dedicação, tanta amizade.

JOSÉ.

Como pagar-me! Ah! D. Clara, eu preciso dizer-lhe, de uma vez para sempre, que tudo quanto faço significa apenas o cumprimento de um rigoroso dever. E vou prohibir-lhe agora mesmo que d'aqui em diante me encha os ouvidos com os protestos de uma gratidão, que eu não acceito, que não tem razão de existir.

CLARA.

Como?

JOSÉ.

Ouçá-me. A Snra. conheceo minha mãe. Era escrava

do commendador Silveira e havia sido em algum tempo ama de leite da sua. Ao nascer, seu pae offerceo-se para baptizar-me e deo-me, na pia, o presente da liberdade. Cresci: entendi que devia ser um homem e fiz-me artista: sou typographo. Tinha sêde de saber, procurei aprender. Achei nos livros o que a sociedade me negava, e nelles aprendi tambem a desprezal-a. Havia, porém, uma couza que me affligia profunda e constantemente: era o captiveiro de minha mãe. Para tornal-a livre trabalhava como doudo; gastava os meus dias e as minhas noutes debruçado sobre os caixotins e achava n'aquelle insano labutar a satisfação de quem se sente morrer na defeza de uma nobre cauza. Muitas vezes seu pae offerceo-se-me para realizar o meu pensamento. Recuzei. Era muito dever, e aquelle *desideratum* queria eu obtel-o sómente á custa dos meus esforços e da minha dedicação. Um dia, quando já via perto o momento do triumpho, quando intimamente me rejubilava da victoria, todo o edificio de ventura, que eu havia phantasticamente erguido sobre os alicerces do meu trabalho de longo tempo, estava desmoronado. O resultado de muitos annos de lutas sem nome, de sacrificios enórmes havia desaparecido: eu estava roubado.

CLARA.

Mas, José!

JOSÉ.

Perdão . . . não me interrompa. Não pude consolar-me daquella perda, não porque ella importasse para mim em mais alguns annos de privações e de esforços. . . Que era isso para quem tinha tão sagrados intentos, tão nobres aspirações? . . . Mas porque ella significava a continuação da degradante condição de minha infortunada mãe, a quem um máo destino, disfarçado em um crime, fadava a não ver ainda o esplendido sol da liberdade. Eu tinha de resignar-me, e que custoza resignação! Ver a autora dos meus dias, a mulher em cujos seios bebera a vida, em'cujo sofrimento aprendera a ser desgraçado, sem ser bláphemio: vêl-a curvada aos annos e á oppressão ignominioza do captiveiro! . . . Tive impetos de suicidar-me. Olhei, porém, esperançado para o futuro, refiz-me de forças, agitei as labaredas da minha coragem, quasi amortecida e dispuz-me a reencetar o árduo trabalho que julgára findo.

CLARA.

Não continúe, José; já sei onde quer chégar. Lembre-se que vai fazer-mé recordar o passado, e que essa recordação mais ainda me infelicita.

JOSÉ.

Não; já agora hei de dizer-lhe tudo. . . . Um dia, porém, fatigado do labor diurno, recolhia-me ao silencio do lar para descansar alguns instantes; ao abrir a porta, pois eu morava só, achei em baixo um papel a mim sobrescriptado. Abri-o, dizia assim: Alguem, que é seu amigo, pelas virtudes que em si reconhece e pelos esforços que sabe tem despendido para a liberdade de sua mãe, interessou-se por si e pode descobrir o ladrão, conseguindo obter ainda d'elle a quantia de *tanto*, que ora lhe remette. E, com effeito, estava incluzo o dinheiro. Accitei como natural e verdadeira aquella explicação e attribui o facto aos remorsos e ao arrependimento. Minha mãe foi resgatada á escravidão, para morrer, pois bem pouco tempo pude gozar da felicidade de viver junto d'ella. Na occasião de expirar, disse-me . . .

CLARA.

José, José!

JOSÉ.

„Meu filho, prometti nunca revelar-te este segredo, mas sinto que vou morrer e é preciso que te deixe incumbido do pagamento desta divida solemne de gratidão. A minha liberdade, que tu julgas dever somente aos teus esforços, a deves a D. Clara. . . Sim, foi ella quem, sabendo do roubo de que havias sido victima, e tendo depositada no banco a quantia de um conto de réis, que lhe dera o padrinho, no dia de seus annos, fez com que seu pae a retirasse e com o concurso do mesmo, que a isso se prestára silenciosamente, orgulhado da bonita acção de sua filha, te mandou aquella importancia, que recebeste como proveniente do remorso e do arrependimento do ladrão. „É porque já não m'o disse?“ — perguntei-lhe eu. „Porque prometti a meu antigo senhor, que m'o contou, nunca te revelar este segredo. . . .“

CLARA.

Mas, José, sua mãe estava enganada.

JOSÉ.

Enganada? não. Ella fallava verdade. Seu pae falleo pouco depois, deixando a Srna. e sua mãe em extrema pobreza, porque se havia atrazado muito em seus negócios. Sabe bem se tenho até hoje procurado cumprir as ultimas vontades de minha desgraçada mãe. . . .

CLARA.

Sei, José, que tem feito muito mais do que eu devia esperar da sua gratidão.

JOSÉ.

Não.

CLARA.

Agora ouça-me tambem. Orphã, pobre, sem recursos, tivemos em ti o mais decidido amigo, o mais esforçado protector. Tu vieste recordar meu passado, cuja lembrança eu queria evitar. Revolvamol-o, pois. Apareceu em meio de nosso infortunio um homem, que trazia nos labios palavras de conforto, palavras cheias de amor, esplendidas promessas. Disseste-me que desconfiasse d'elle e eu insultei-me com a tua prevençãõ. Entreguei-me louca, incauta á perdição e á vehemencia d'aquelle amor . . . que era o primeiro. E tu sabes o que succedeo . . . perdi-me, e elle . . . elle me enganára. O casamento que me promettera nunca se realizou. Minha mãe succumbio á minha deshoura. Ali está (*para o berço*), ali está o penhor de um illegitimo amor, fadado não sei para que funesto destino. . . . Pois bem, José; tu tens sido o meu anjo bom até agora, e sel-o-has no futuro, estou certa, até que n'um ultimo suspiro se me exhaura este resto de vida, que ainda me anima. Se por ventura faltar áquella innocente o apoio de seu pae, protege-a tu, ampara-a, guia-a no tormentozo mar da vida, para que evite os escolhos em que eu sossobrei. Ella é filha do teu coração.

JOSÉ.

(*Ajoelhando e beijando-lhe a mão.*) — Oh! sim, sim, eu juro que a ampararei. Não sabe o bem que me fez, Dona Clara. Sinto-me feliz hoje pela primeira vez, desde que tive a infelicidade de perder minha mãe.

CLARA.

Bem, José; agora vae, vae ao teu trabalho.

JOSÉ.

Sim; porque d'este momento em diaute preciso mais que nunca de trabalhar. Até depois. (*Vae á sair.*)

CLARA.

Então, não vaes beijar tua filha?

JOSÉ.

Oh! sim, sim, se m'ò permitte. Eu não me atrevia. (*Vae ao berço, beija a criança cautelosamente e súa chorando. Clara acompanha-o e fecha a porta com o trinco.*)

Scena 4^a

CLARA, só.

CLARA.

Que alma! Que generozo coração! E ha, talvez, nessa sociedade, de que fui alijada, quem lhe volte com desprezo as costas e recuze apertar-lhe a mão! Ah! minha filha! Já não me assusta o teu futuro: acabo de confial-o ao mais digno e virtuozo de todos os homens. Quando cresceres, olhando para aquellas faces escuras, não te envergonhes de chamal-o pae, que em compensação tem elle n'alma a alvura da bondade e da honra . . . (*mudando*) E Alfredo que está doente! Deos sabe que tormentos não tem elle passado, que saudades da filha não tem soffrido . . . porque, enfim, trata-me mal, mas tem bom coração . . . Se eu pudesse vê-lo, ainda que fosse um instante, de longe só! . . . (*ouve se uma grande gargalhada fóra.*) — Esta voz . . . este rizo . . . (*Batem fortemente.*) Quem está ahi? . . .

ALFREDO.

(*Fóra.*) — Abre, com os diabos, que estou como um pinto.

CLARA.

Alfredo! Elle! . . .

ALFREDO.

Abre, não ouves? (*Bate mais forte.*)

CLARA.

Meu Deos! . . . Estes modos?! . . . Que terá acontecido? (*Vae abrir.*)

Scena 5^a

CLARA, ALFREDO e LUIZ.

CLARA.

(*Querendo abraçal-o.*) — Alfredo! . . .

ALFREDO.

(*Repellindo-a bruscamente.*) — Estás surda, eim?... Hei de abrir-te as ouças, mas com este remedio. (*Mostra lhe um chicote.*)

CLARA.

(*A' parte.*) — Céos!...

ALFREDO.

Entra, ó Luiz, que esta casa é de todos.

LUIZ.

(*Entrando.*) — Não parece; se fosse de todos a porta estaria aberta.

ALFREDO.

É que aqui a *senhora* tem, talvez, medo dos rélampagos, ou estava a fazer romance d'amor com algum antigo conhecido.

CLARA.

Alfredo!... Extranho-te... tu me assustas.

ALFREDO.

Ora, coitada da pombinha!... dêo-lhe agora para soffrer dos nervos.... Dê-nos em que sentar. (*Clara dá cadeiras, Alfredo faz muito ruido com a cadeira.*)

CLARA.

Faze menos barulho, Alfredo, nossa filha está ali a dormir.

ALFREDO.

(*Gritando.*) — Eim?!...

CLARA.

(*Tremula e baixo.*) — Tua filha está ali dormindo.

ALFREDO.

Que diz ella, Luiz? não ouço bem.

LUIZ.

Que tua filha ali está dormindo, segundo parece, n'aquelle caixão com fórma de berço.

ALFREDO.

Minha filha!... Ah! ah! ah! Isto só a rir.

CLARA.

(*Attonita.*) — De que ri, Alfredo, de que ri?!...

ALFREDO.

De que rio?... É boa! Quem a autorizou a dizer que sou eu o pae d'aquella criança?

CLARA.

Que dizes?... Repête, repête, que eu tenho medo de te comprehender.

ALFREDO.

Por ventura se pôde dizer qual das sementes, plantadas n'um terreno immensamente cultivado, germinou a flôr, que entreabrio?

CLARA.

Ah!... (*correndo ao berço.*) — Felizmente ella dorme e não pôde ouvir as infamias que o Sr. profêre. Essa baba nojenta e diffamatoria, que ahi está a escorrer-lhe dos labios, felizmente não repugnará a esta criança, porque ella não a vê. Cále-se.... cále-se, por Deos, que eu enlouqueço....

ALFREDO.

Olhem a vestal!... Luiz, não julgues pelas apparencias... Esta mulher mente como todas as....

CLARA.

Basta. Não sei, não quero saber, não indago qual é o motivo que o demoveo a vir insultar em sua caza a victima de seus depravados sentimentos e da torpêza de seu character. Qualquer que elle seja, porêem, é de certo bem indigno e bem vil!..

ALFREDO.

Olha, vês, Luiz, o que é a ingratição?... Eu vinha despedir-me della e deixar-te em meu lugar, como substituto legal, começando pela noute de hoje, e ainda em cima recebe-me deste modo!... Não ha que admirar. Todas as mulheres perdidas são assim....

CLARA.

Mulheres perdidas!... Já sei: entre as libações a que costuma entregar-se, ao som das gargalhadas da devassidão e ao tinir dos côpos o Sr. disse ao seu amigo: Queres conhecer uma desgraçada, que eu deshonrei, que fui arrancar á placidez do seu lar, ás alegrias de sua virgindade, á santidade de sua virtude? Vem comigo. Chegou, e teve pejo de dizer-lhe: vês aquella mulher, que ali está pallida, magra, repudiada, maldicta? Fui eu quem a perdeo... a corôa da sua castidade fui eu quem a desfolhou, as côres daquelle rostó desbotei-as eu, os sorrizos d'aquelles labios troquei-os por uma permanente expressão de angustia....

Ella tinha uma mãe boa e carinhosa, matei-a de desgotos; tem uma filha, que é minha tambem, reneguei-a. Eu sou um seductor infame, um assassino, um infanticida.

ALFREDO.

Ah! ah! ah!

CLARA.

Ri, miseravel, ri; mas ri baixo para que os échos da tua voz não despertem aquelle anjo, que dorme. Espéra. (*Vae para dentro e volta logo, trazendo os objectos que lhe dera José.*) Estes vestidos mandaste-os ha pouco para a tua filha. Toma, leva-os. Antes quero vel-a morrer de frio, inteiriçada nos meus braços, do que lhe toquem no corpo estes trapos, que te passarão pelas mãos: a lepra da tua consciencia pôde ser contagioza. Este dinheiro (*tirando as notas que havia guardado no seio*) leva-o tambem, que não preciso d'elle e está a queimar-me os seios como se fosse fogo vivo. Apanha tudo isto e sâe.

LUIZ.

(*Constrangido.*) — Vamos, Alfredo.

ALFREDO.

Para onde, se estou aqui tão bem?

CLARA.

Sáião.

LUIZ.

Minha senhora, eu não sou o que talvez pareça, fui enganado, eis tudo. Eu saio; desculpe-me. (*Sóbe ao fundo.*)

ALFREDO.

Não . . . com mil raios! . . . Esta mulher mentio. Trouxe-te aqui para que aqui ficasses e ficarás apezar teu e d'ella.

LUIZ.

Nunca! . . .

ALFREDO.

Pensas, talvez, que ella é uma virtude? . . . É, sim . . . é uma virtude amaziada com um negro

CLARA.

Ah! meu Deos! (*José apparece.*)

ALFREDO.

Vamos, senhora, deixemo-nos de partes. Tenho mais

que fazer. (*Vae a correr para ella, tropeça e cáe. Luiz desce para erguel-o.*)

CLARA:

(*Rápida, com um grito de satisfação.*) Ah! Está bebado!

ALFREDO.

(*Levantando-se.*) Bebado! Quem disse aqui — bebado? . . .

CLARA.

Eu.

ALFREDO.

Tu! . . . Tu, infeliz? Vaes pagar o teu arrojo. (*Levanta o chicote como para batel-a, porém José interpõe-se.*)

Scena 6^a e ultima.

LUIZ, ALFREDO, JOSÉ e CLARA.

JOSÉ.

Desgraçado! (*Alfredo fica com o chicote suspenso.*)

ALFREDO.

O negro!

JOSÉ.

Sim, o negro . . . o teu inferior, o paria das sociedades modernas, o mulato, o proscripto da ventura, que te diz: Miseravel, se baixas essa mão, se tocas nesta mulher, se tens o inaudito arrojo de bater na minha face com a ponta desse chicote, cravo-te esta faca no coração. (*Apontando-lhe a porta.*) Sãe. (*Alfredo e Luiz vão recuando com expressão de terror no semblante até sahir.*)

CLARA.

(*Ajoelhando-se.*) Ah! José, salvaste-me

JOSÉ.

Minha senhora, eu não fiz, senão impedir que as mãos do réprobo e do maldicto tocassem na imagem da divindade . . . apenas evitei que manchassem aquella que libertou minha mãe.

Fim do prólogo.

Estudo litterario.

Litteratura brazileira.

II.

(Considerações geraes sobre a raça tupy-guarany; gráo de sua civilisação ao tempo da descoberta do Brazil, e sua influencia na litteratura nacional.)

Largamente têm discutido eminentes philosophos e illustres escriptores para demonstrarem as causas á que devem os povos sua litteratura. Posição geographica, clima, affinidades de raça, religião, indole, usos, costumes, governos, periodos de civilisação, protecção ou perseguição dos principes, conquistas e descobrimentos, tudo emfim, tem sido posto em contribuição para provar pró e contra estas ou aquellas opiniões.

Parece entretanto, n'essa confusão cahotica, lobrigar-se a verdade de sua expressão na *manifestação expontanea* das nacionalidades.

As sociedades primitivas — póde afirmar-se, em identicos periodos, tiverão um só pensamento: provão-n'o os textos originaes — desde os mythos védicos até os dos barbaros d'Africa, da Oceania e da America, — que parecem os mesmos, mais ou menos transformados pela tradição.

Mas passado o periodo da barbaria, quando as tribus nómades deixão de ser pastoras para, rasgando o seio da terra, radicar-se a ella, estabelecendo a tenda e formando a nação, a sua manifestação moral começa a reflectir novos cambiantes e toma os caracteristicos peculiares, que distinguem um povo dos outros. Estes caracteristicos exclusivos são em synthese a sua nacionalidade.

Um povo falla ou murmurra; canta, goza e prospéra; ou geme, soffre e decahe: são porêem *intimas*, são porêem *excluzivamente suas* as suas manifestações. Reflectem-se em sua litteratura — porque esta é o espelho da alma das nações.

Se é original, stereotypa-as. Se não o é, evidencia a sua precariedade.

É isto o que nos ensina a historia natural do homem, e, por conseguinte, a das sociedades em todas as phases de sua evolução. É isto o que se aprende compulsando a vida das nações desde o seu estado primario e rudimentar até aquelle gráo de civilisação, mais ou menos adiantado, em que as encontramos.

A anthropologia, ao passo, que procura conhecer e distinguir os caracteres phisicos dos diversos ramos do grande tronco da humanidade, prescruta, esforça-se com não menor afã, por conhecer e distinguir as suas manifestações moraes; e á par do craneo fóssil, ella descobre tambem o pensamento que o animára.

Uma próva irrefragavel nos vêm fornecer os selvagens d'America, especialmente a familia tupy-guarany, que parece ter-se desmembrado da familia Kichúa, para nos dar a conhecer a pagina anterior áquella em que durante quatro seculos foi escripta em *quipu* a historia do famoso imperio dos Yncas.

Aquella familia, cujos vestigios attestão sua existencia áquem dos Andes muitas centenas de annos antes da descoberta d'America, patentea-nos essa verdade em suas tradições, ainda mais antigas que o seu cruzamento com a raça aryana, como o demonstrão as innumeradas raizes sanscritas de seus vocabulos.

A nova sciencia encontrou na mythologia zoologica e astronomica dos brazis o periodo da infancia das sociedades; assiste a sua transicção do periodo da pedra lascada ao da pedra polida, uso do fogo e do fabrico de vasos de argilla; e tem no selvagem andino a lauda viva e primeva da historia da humanidade.

Em sua obra *O selvagem*, um dos mais grandiozos monumentos da litteratura braziliana, o intrépido explorador e illustre ethnólogo Dr. Couto de Magalhães, assim se exprime a respeito:

... Eu estava bem longe de suppôr que a *Maria „Borralleira* dos contos populares do Brazil, e que perde o

„seo chinello. fosse o echo remóto, conservado pela tradição oral do povo, por mais de seis ou sete mil annos. da deosa „*Aurora*’ do *Rig Véda*, a qual era tão veloz que um dos „hymnos védicos a denomina *apãd*, a donzella sem pés. ou „sem calçado.

„Assim como muitos dos mythos populares do Brazil „são mythos védicos, assim tambem muitos são mythos tupys’.

„Quem viaja o interior das provincias de São Paulo, „Minas, Goyaz e Matto Grosso.*) ouve constantemente historias, em que o *Saci Cereré*, o *Boitutu*, o *Curupira*, como „nós o chamamos, ou o *Curupim*, como o chamão os paraguayos e cuyabanos, representão importante papel na vida „do homem. Esses mythos tupys confundem-se aqui nas „tradições populares com os mythos védicos, de que acima „fallei. E isto prova que:

„N’este immenso cadinho d’America. ao passo que fundem-se e amalgamão-se os sangues dos grandes troncos „da humanidade, fundem-se e amalgamão-se tambem suas „idéas moraes, por uma lei de conservação confiada a esse „operario inconsciente e tenaz — a memoria e a tradição do „povo illiterato.

„Ao passo que as pesquisas dos sabios se vão alargando „sobre o animal homem. vai se descobrindo uma lei que „conserva, por assim dizer, a unidade do typo nas produções do espirito. assim como conserva a unidade do typo „physico apesar da variedade das raças.

„As idéas moraes fizeram sempre seu caminho pelos „mesmos processos, e se notamos entre os povos tão grandes differenças, é porque raros coexistirão no mesmó gráo „de civilisação.“

Tudo isto — que prôva que o selvagem do Brazil se achava no fim do segundo periodo da idade humana, quando foi o paiz descoberto por Alvares Cabral. prôva tambem que influio — *directa e poderosamente* para dar á litteratura brasileira o cunho original da velha litteratura tupy-guarany. conservada pela tradição.

Os descobridores não encontrarão nos brazis o homem

*) Podia o illustre escriptor contemplar tambem. entre as provincias citadas. esta de S. Pedro do Rio Grande do Sul. onde o povo ignorante conserva esses mythos com toda a *religiosidade*.

armado com ramos lascados das arvores; mas nações aldeadas, em tabas defendidas por obras de arte, organizadas em tribus, umas navegadoras, como as da costa, outras agricultoras, como as ribeirinhas do Amazonas e seus grandes affluentes: e em todas, ondeando o primitivo estandarte da civilisação — o pennacho de fumo, patenteando a existencia do fogo, que já era não sómente applicado aos uzos domesticos, mas tambem ás necessidades de suas industrias, significando um importantissimo elementq de progresso.

Raras das tribus que entrarão em immediato commercio de amizade com os europeos erão anthropophagas, e todas se achavão constituidas em sociedades, dirigidas na guerra pelo chefe, que acclamavão, na paz pelos anciãos, que formavão o grande conselho da nação: tinham suas crenças religiosas, suas lendas e tradições historicas, e na poezia de seus bardos reconhecem-se admiraveis preceitos de moral e estimulos á intelligência.

(Continúa.)

D a y m ã.

Fragmentos de um poêma.

Scenario.

Eu meditava assim, abandonado e mudo,
Aberta a alma á terra, ao mar, ao céo, a tudo....

Na terra, as maldições soavam n'um concerto;
O mar bramia em furia... o céo era um dezerto!...

Abri os olhos d'alma á tudo — e vi o nada...
Silente como Deos, frio como a geada!

As virações do mar, gemendo muito ao longe,
Faziam-me lembrar as orações d'um monge!

Pensei, ao ver cair a chuva sobre o mundo,
Na lagrima que cae no rosto moribundo...

Os ventos apagando as trémulas luzernas,
Imitavão leões, rugindo nas cavernas!...

Era uma noite negra, ameaçadora, liorrenda,
Prolongada... sem fim!

Era uma noite — irmã da biblica legenda
Do mizero Caim!...

A chuva, que cahia dos espaços,
Fazia em estilhaços

Os vidros das janellas;

E ao tombar sobre a terra, enfurecida,

Pulava... recuava — espavorida —

Ella com medo... a filha das procellas!-

.

Ante a furia brutal dos rugidores ventos
Tremião de terror os muros dos conventos. . . .

Cahião pelo chão as fôlhas do arvorêdo. . . .
Os homens tinham raiva! as fêras tinhão medo! . . .

Os trovões a rolar na escuridão do espaço,
Erão carros de bronze entre caminhos d' aço! . . .

Eu julgava escutar os berros d'um gigante . . .
D'uma d'essas vizões do cérebro do Dante!

Não cauza tanto horror a fauce do Vezuvio
Como uma noute assim — reflexo do Diluvio . . .

Era a franqueza d'agoa, a satyra do vento,
A hypérbole da tréva — em pleno firmamento! . . .

Protagonistas.

Então eu vi surgir, do ventre d'um abysmo,
Um monstro . . . um Satanaz, impávido e disórme:
Tinha o corpo felpudo, esverdeado, enórme . . .
Olhar felino e régio! . . .

Era elle o — *Scepticismo*.

Volteavão-lhe em torno, emmagrecidos, fracos,
Inquiétos pygmêos;
Soltando uns guinchos d' aço . . . assim como os macacos
Mostrando os filhos seus
Ao caçador, — que os deixa, e segue, admirado
De ver aquelle instincto assim pronounciado.

E saltavão em torno ao monstro vil, ligeiros,
Como a sérpe — dansando ao mando do selvagem;
Assim, quando um captivo expira os seus parceiros
Prestão-lhe a derradeira e fúnebre homenagem
Dansando ante o esquife, alegres, prazenteiros:
Julgando que do morto a alma está no céu . . .
Ou ao lado dos seus — na terra onde nasceo! . . .

.

E o monstro pavorozo,
Athlético, grosseiro,
Como o vulto orgulhozo
De um velho granadeiro;

Em tom de voz, medonho e abafado
Como o agonizar d'algum gigante.
Ou um volcão, a séc'los suffocado,
Que rasgasse a cratera chammejante;
Firmo o olhar, cabelo desgrenhado,
Húmido o pello, a bôca faiscante . . .
Estas palavras disse, sem tremer,
Fazendo a propria tréva ennegrecer:

„O céo é um vácuo enórme . . . a terra — a sepultura,
Onde apodrece, exposta aos vérmes da vaidade,

A triste humanidade;

A virtude é um sonho, a honra — uma mania;

A intelligencia — um crime! a gloria — uma utopia . . .

A vida — um dia claro . . . a morte — noute escura! . . .

„Ao silvo atroador da audaz locomotiva,
Em consideração ás leis da geometria,

O filho da poezia

Penétra na officina: e, empunhando o malho,

Procura o seu lugar no banco do trabalho,

De uma fornalha accêza á luz da chamma viva! . . .

„O condor da razão, librando se no seio
Das vastidões do ar, aninha-se no espaço;

E, desatando o laço,

Que a humana geração prendia á ignorancia,

Deixa as religiões na mais pungente ancia;

Fazendo vêr que o céo — é puro devaneio! . . .

„Alma — palavra vã, que o sabio não exprime;

Deos — orgulho sem fim . . . eterno despotismo!

Vida — sombrio abysmo . . .

Morte — transformaçã• de um ser em muitos seres . . .

Homem — filho da der e orfão dos prazeres!

Matéria — o verdadeiro, o unico, o sublime! . . .

„O mais tudo é mentira!... as velhas cathedraes
Abrem ao bom e ao máo as portas igualmente:

Ó verdadeiro crênte

É aquelle que descrê, ou o que crê — no nada...
O mundo é um carnaval! sorri d'esta farçada
A caveira, que róla ao pé dos vegetaes.“

Depois... a lua cheia. o pallido satélyte,
A vapoza ophélia a fluctuar no azul,
Tremendo, appareceo na vastidão ethérea.
Ao brando respirar das virações do sul.

Vinha languida e triste... a face d'uma phtysica,
Á embaciada luz do céu crepuscular,
Não tem, mais pallidez, nem é mais branca a pétala
De um molhado jasmim rolando á flôr do mar... .

As nuvens côr de chumbo, os grandes mantos fúnebres
Que toldavão do céu o puro azul sem fim,
Reposteiros fataes do negro umbral dos túmulos,
Mostrão constellações em fundos de setim... .

E o monstro da descrença, esse vampyro tétrico,
Esqualido, angulozo, infórme, colossal...
Desfêz-se com a tréva — a lúgubre irmã gêmea
D'aquell'alma — da côr de um negro tremedal!... .

Então eu vi surgir — 'apparição phantastica!
Das bandas do levante uma visão immensa:
Transparente, ideal, rozada, clara, lúcida...
Era a filha do céu — o *Cherubim da Crença!*

Ó crença! ó raio ultimo
Dos olhos de Jezus,
Quando, sobre o Calvario,
Fechou as roxas pálpebras,
Abrindo os braços nús... .
Os braços, que elle abrija-nos,
Dos braços d'uma cruz!... .

Tu és um rizo candido
De candida criança;
Tens azas — és um passaro . . .
Passaro d'esperança!

Adéja, sóbe, eléva-te
Por esse espaço além . . .
Mas ah! os braços ábre-me,
Christo os abrio tambem! . . .

Deos! como é bella, tímida,
Meiga, modésta e calma,
Ella — que vem, de júbilos
Encher-nos a nossa alma! . . .

.

Tinha o olhar sereno e doce das crianças,
Um rizo aberto e claro — assim como as janellas
Que deitão para o mar . . . E um turbilhão de estrellas
Lhe estava a engrinaldar as perfumozas tranças! . . .

Em delirios, a luz caía dos espaços,
Ajoelhando em torno áquella vizão branca;
E com sonora voz, sincéra, alegre, franca,
Disse, as azas abrindo e levantando os braços:

„Eu sou um mixto encantado
De aromas e sons e luz!
O Christo — o Deos humanado —
Abrio-me os braços da cruz.

„Quando o ultimo sorrizo
Frizou os labios de Adão,
Ao deixár do Paraizo
A celestial mansão;

„Aclarei da noute a tréva,
Accendendo — astro de amôr —
Na face pallida de Eva
Uma pérola de dôr . . .

„Enxuguei, com uma penna
Das azas de Jehovah,
O pranto de Magdalena . . .
As lagrimas de Eloah . . .

„Da luz do nascer do dia,
Das ardentias do mar,
Das brizas d'*Ave-Maria*.
E dos orvalhos do ar;

„Do trino dos passarinhos,
E da espuma que fluctúa . . .
Do morno calor dos ninhos,
E dos serenos da lua;

„Dos arminhos e das nuvens,
Dos arômas, dos fulgôres,
Das neblinas, das pennugens,
E das pétalas das flôres;

„Fiz o manto de rainha,
Que pende dos hombros meus:
E léve — como a andorinha —
Desço aos homens . . . subo á Deos!

„Da Igreja — espoza suave,
De Jesus — filha dilécta,
Fiz o meu ninho de ave,
No coração do poéta.

„É em mim que elle se inspira. . . .
Com a fronte no meu seio,
Ou vibra as cordas da lyra,
Ou perde-se em mago enleio.

„De meus olhares aos prismas
Eu o deixo em vago effluvio,
Boiando em lagos de scismas,
Como a arca no diluvio!

„Si a alma christã se aninha
No calor dos seios meus:
Tão leve como andorinha
Desço aos homens... subo á Deus!“

A muita luz do dia, em turbilhões, em jorros,
Caindo d'amplidão, descendo pelos môrros,
Se estendendo no mar...
Fez com que o *Anjo bom* — o *Serafim dos Crentes* —
Batendo, n'um instante, as azas transparentes,
Subisse pelo azul... perdesse-se no ar!...

Mucio Teixeira.

Tristeza.

Se vires-me triste, com a fronte abatida,
E as gottas do pranto na face á correr,
Oh! mundo, não zombes da dor, que me opprime,
Das lagrimas santas de um grato soffrer.

Sonhava — e dos sonhos queridos da infancia,
Feliz e contente julguei despertar, —
Mas veio a descrença roubar-me a esperanza
E os rizados de moça p'ra sempre murchar.

Se cantos alegres, de encantos, de amores,
Nas cordas da lyra dezejo entoar,
Só vozes sentidas, só prantos, só queixas.
Aos tristes accordes me é dado juntar.

Por isso, bem noça — na quadra das crenças,
Descreio de tudo, que o mundo contém!
Não sonho delicias, não busco venturas,
Só amo a tristeza, — que é um gozo tambem.

Candida Izolina de Abrêo.

A' memoria de Luiza de Liz Corrêa.

(Fallecida a 20 de Maio de 1878.)

„E' horrivel morrer, quando sentimos
„O amor nos sorrir em labio virgem!
„Ver fugir pouco a pouco a luz dos olhos
„Na névoa eterna da feral vertigem.“

BERNARDINO DOS SANTOS.

Quando um futuro te sorria esplendido,
Quando cingias os laureis da gloria,
Oh! veio a morte, impiedosa, horrivel,
Sellar de crépe tua bréve historia!

E assim — no leito de agonia immensa —
Vergaste o corpo Que soffrer, meu Deos!
Até que um dia, descerrando as palpebras
Sorraste ao anjo, que levou-te aos céos.

Era ainda cêdo, minha doce Liz . . .
Não mais contavas que tres lustros só!
E — quando a vida se desdobra em sonhos,
F'oi o teu corpo se envolver no pó!

Lembro esse dia, — que passamos juntas,
Sentindo a alma confranger-se á dor
Porque deixaste que o tufão da morte,
Inda — em botão — te desfolhasse, ó flor?

Quando um futuro te sorria esplendido,
Quando contavas quinze annosó,
Porque fugiste de teus paes, do mundo,
Indo esconder-te no funéreo pó?

Porto Alegre, 20 de Maio de 1879.

Amelia de A. Souza.

A mulher.

Por entre as deslumbradoras harmonias do transumpto grandiozo de um ser superior — a natureza —, resplende, rainha da criação, a maxima gloria dos fulgores, que a ethetica sôe decantar!

Pela delicadeza das fórmas revela-se fragil, demanda auxilio ás arterias de mais forte compleição; ascende, porém, ao infinito se as labarédas espirituaes, revigoradas em pujante coração, expandem-se pelo mundo attrahente das affeições.

Filha, mãe, espoza, eil-a aureolada nos padrões de faustosa missão.

No recinto do lar, scenario de suas glorias, procura-e-a, procura-e-a sempre, e achal-a-heis abençoada: óra derramando lagrimas sobre a imagem dorida de suas adorações, óra, sorrindo-se-lhe tambem pela serenidade, que ás suas faces logra assomar.

Seu amor inexgotavel, como o santelmo da esperanza, desdobra ternuras pelo ermo das desolações: o enfermo endeosa-a em seus gemidos, o mendigo atira-se a seus pés, o proscripto sauda-a em sua desgraça, e a mesma felicidade do abastado é mero baldão se a não engrandece a mulher, colorindo-a com os exemplós de uma extremada dedicação.

O mundo antigo manifestou-se-lhe ingrato; a idade média admirou-lhe o fastigio no conchêgo do castello feudal; mas a hodierna sociedade prostra-se maravilhada ante a influencia bemdita da educadora de seus filhos!

Pelotas, 1879.

Frederico Sattamini.

Chronica.

Se é possível exprimir com palavras um grande e nobre sentimento, as, que n'este momento nos occorrem, não bastão para manifestar o quanto estamos penhorados para com o publico pelo honroso acolhimento, que dispensou á *Revista contemporanea do Parthenon Litterario*.

No firme propozito de acompanhar o desenvolvimento moral e intellectual d'esta provincia, que tão avantajadamente marcha na senda do progresso, a empreza da *Revista*, — contra a opinião dos amigos, e sem intimidar-se com os funebres augurios dos pessimistas, iniciou a sua quarta serie fazendo, só n'esta capital, uma distribuição de mil exemplares.

„E' esperar muito, — repetião-nos — entre nós poucos lêem, e „ainda menos se interessão pelas lettras; falla-se muito em instrucção, „sciencias, etc., mas ninguem coopéra para o seu desenvolvimento.

— Tentemos entretanto, repetiamos nós sempre ás amistozas reflexões — será mais um sacrificio feito por uma boa causa.

E' que nós tinhamos confiança, tinhamos fé; confiança pelo resultado de uma longa observação; fé pela cauza que abraçamos; e ambas se robustecem com o brilhante resultado obtido; — pois que até este momento, em que estamos escrevendo, as *Revistas* devolvidas montão talvez a uma quinta parte do numero dos exemplares distribuidos.

Este facto — verdadeiro phenomeno no mundo litterario — que tão altamente honra o *Parthenon Litterario*, significando-lhe decidido apoio e sympathia, attesta tambem e brilhantemente o grão de cultura e o espirito progressista do publico d'esta capital, onde ainda ha bem poucos annos tinha o *Parthenon* extrenuos inimigos e a sua *Revista* pouco mais contava de cem assignantes.

* * *

Expressão fiel da opinião publica, a illustrada imprensa porto-alegrense — quer politica, quer neutra, dispensou á *Revista* acolhimento não menos expontaneo e honroso.

Com os protestos de nosso reconhecimento e a promessa de toda a dedicação para corresponder ao esplendido agazalho, que do publico e da imprensa mereceo esta publicação litteraria, trasladamos para aqui os seus auspiciosos prognosticos e conceitos:

Da *Gazeta de Porto Alegre*.

„REVISTA DO PARTHENON. — Acaba de sair dos prelos da *Deutsche Zeitung* o n.º 1 da 4.ª serie da *Revista do Parthenon Litterario*, da qual é redactor o Sr. José Bernardino dos Santos.*)

„Este numero, que é ornado com o retrato lithographado de José de Anchieta, contém, além da biographia d'este notavel Jesuita, as seguintes materias: Estudo litterario, por *Daymã*; Bertha, por *A. Gonzaga*; Fragmento de um poema, por *Manfredo*; **) A' America, poezia por *Damasceno Vieira*; Secção historica; Chronica do mez d'Abril ultimo, por *Bernadot*, e extracto das actas do *Parthenon*.

„Agradecendo o exemplar com que fomos obsequiados, fazemos votos para que por parte do publico tenha o melhor acolhimento essa publicação, que muitos e importantes serviços pôde prestar ás letras patrias, visto que não lhe faltão para isso os elementos necessarios.“

Da *Reforma*:

„PARTHENON LITTERARIO. — Recebemos o n.º 1 da *Revista Contemporanea*, publicação mensal do *Parthenon Litterario*, consagrada á litteratura, artes e sciencias, e correspondente ao mez de Abril findo.

„Cheio de nova seiva agita-se o *Parthenon Litterario* para caminhar na glorioza senda das lettras, onde estacára por algum tempo sem desanimar de sua nobilissima tarefa, mas apenas retemperando-se para as gloriozas lides do futuro.

„Tal é a confiança que inspirão os nomes que assignão a primeira pagina da nova série da alludida publicação.

„Estamos certos que o publico não se recusará em auxiliar a mais util e mais importante associação litteraria, que conta nossa capital, tanto pelo serviço que presta ás lettras, como pela util e agradável distracção que prepara a seus associados.

„Abre o n.º da *Revista* a que nos referimos o busto lithographado do illustre jesuita José de Anchieta e o esboço biographico do venerado sacerdote, e outros escriptos de interesse litterario.

„Agradecemos a obsequiosidade do numero que nos foi enviado.“

Do *Mercantil*:

„PARTHENON LITTERARIO. — Recebemos hontem o 1.º numero da 4.ª serie da *Revista do Parthenon Litterario*, que prezentemente é dirigida pelo Sr. José Bernardino dos Santos. Traz o retrato e biographia do padre José de Anchieta. Agradecemos.“

„O *Jornal do Commercio*, alem da noticia do apparecimento da *Revista*, consagrou-lhe as seguintes e encomiasticas palavras em sua *Secção bibliographica*: — „PARTHENON LITTERARIO. — Esta importante associação, que por algum tempo suspendeo a publicação de sua revista, descansando assim em meio da jornada que anteriormente

*) O Sr. José Bernardino dos Santos não é o unico, mas um dos sete redactores da *Revista*, cujos nomes se leem na primeira pagina.

**) Por um inexplicavel equívoco demos ao sympathico *Manfredo* a autoria do poema *Cerebro e coração*, do Sr. Mucio Teixeira. *Manfredo* é tambem um distincto poeta, mas de outro genero . . . a Cezar o que é de Cezar.

percorria, encetou-a novamente, com mais pujança de forças para as lutas que se propõe levar ao termo. Moços cheios de esperanças, devotados com o nobre ardor do enthusiasmo e dedicação pela causa moral do povo, são esses que, á frente da mocidade estudiosa do *Parthenon*, hasteão o estandarte victorioso das idéas, incitando os seus concidadãos a agruparem-se em torno desse labaro, que symboliza o triumpho, o predomínio da razão humana sobre a força bruta. Intelligencias robustas, adestradas pela luz do estudo e da reflexão, animos que se avigorão ao crysol do patriotismo e ao influxo das liberdades publicas, encarnão-se nas pessoas dos valentes batalhadores que representam a notavel associação, que tamanho impulso ha dado á litteratura n'esta parte do imperio.

„A *Revista Contemporanea*, que ora resurge aos dominios da publicidade, e cuja impressão é feita com todo o esmero e solitudine na imprensa da *Deutsche Zeitung* desta capital, é redigida sob os auspícios do distincto litterato Sr. José Bernardino dos Santos, nome por mais de um titulo ligado á gloria e prosperidade dessa associação. Collaboradores amestrados nos certamens litterarios abrilhantão com suas producções as paginas da *Revista*, realção-n'a em summo gráo: entre elles destaca-se a penna vigorosa de *Iriêma*, que já tantos louros ha conquistado em taes certamens.

„O presente numero traz o retrato do venerando José de Anchieta, o varão santo e apostolico, por excellencia, tão conhecido e afamado na catechese geral dos indios no Brazil e os escriptos que se seguem: Introducção, que com todo o brillantismo de idéas trata do reaparecimento do *Parthenon*; Biographia de Anchieta, pela habil penna de *Iriêma*, trabalho que mais de uma vez confirma os elevados creditos de que goza seu autor na republica das letras; Estudos sobre a litteratura brasileira, por *Daymã*, que revelão conhecimento especial da materia; Bertha (scenas do captiveiro) por Alfredo Gonzaga, conto lindamente traçado em linguagem amena e fluente sobre a vida e costumes de nossos camponeses; Fragmento de um poema, por *Manfredo*, tambem laureado entre os membros da associação; A' America, poesia, por *Damasceno Vieira*, tão querido das muzas; Secção historica e Chronica, por *Bernadot*, o festejado escriptor, que sempre aviventa as glorias do *Parthenon*.

„Anhelando o progresso moral e intellectual do paiz, e sobretudo desta sentinella do sul, que nos dêo o berço, não podemos deixar de congratular-nos com o reaparecimento da *Revista do Parthenon Litterario*, que assignala n'ais um passo no caminho do porvir, mais um pharol erguido á entrada do abysmo da escuridão mental dos homens.

„Saudamos com enthusiasmo aos incansaveis timoneiros que dirigem esse arauto das luzes e com especialidade ao illustre Sr. José Bernardino dos Santos, a quem desejamos tôdas as venturas e farta messe de louros na derrota a que novamente se abalança.“

* * *

Occupo o lugar de honra deste numero da *Revista* o retrato d'aquelle bom cidadão, que, em vida se chamara José Martins de Lima,

e no qual perdeu a pobreza do 30. districto d'esta capital o seu grande e mais solícito protector.

Não foi nem elevada, nem dilatada a esphera social em que descreveo seu gyro aquella existencia; mas na modesta orbita que percorreo assignalou-se por actos nobilissimos: ninguem o excedeo em actividade, trabalho e probidade como em abnegação e amor do proximo.

A *Revista do Parthenon Litterario*, julga' nobilitar-se prestando homenagem ao merito real — e esse teve o Martins de Lima.

* * *

O mez de Maio paßsou desapercibido pelo mundo litterario.

Podemos apenas consignar o apparecimento do livro de Carrigues, de mais um volume da *Historia de Portugal*, e do *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*.

Tres obras importantissimas, das quaes porém já devem ter os nossos leitores detalhado conhecimento, pois sobre ellas ampla e conceituosamente se manifestou a imprensa diaria.

Ao juizo dos illustres conterraneos só accrescentaremos uina pequena observação, e é: que para o *Diccionario contemporaneo* elaborado pelo illustre professor Sr. Caldas Aulette, collaborarão os Srs. Barão de Santo Angelo, Dr. Henrique Leal, Dr. Gama de Abreo e outros illustres brasileiros, enriquecendo-o com a nova tecnologia scientifica e preciozas colleções de vocabulos originaes brasileiros, que devem, completando o diccionario, mostrar — tal qual é na actualidade — a lingua commum ás duas nações.

* * *

Consta-nos que um bom livro consagrado a educação da infancia rio-grandense se acha actualmente no prelo.

E' seu autor o nosso illustrado amigo Sr. Hilario Ribeiro, una dessas vocações, que ainda sacrificão nas aras do patriotismo as suas mais bellas aspirações — querendo dotar a instrucção de sua provincia com os elementos de que esse importante ramo da administração publica absolutamente carece entre nós.

Crêmos que será uma occiosidade accrescentar que o novo livro do Sr. Hilario não traz a chapa do Conselho da Instrucção Publica, nem apparece sob a protecção official: o novo livro traz apenas o nome de seu autor — e esses dous titulos, que muito o recommendão.

Dezajamos que não se balde ainda esse novo sacrificio, que o nobre e patriótico empenho do distincto rio-grandense não naufrague de encontro á *industria*, que se incumbio de fabricar livros para a *educação da infancia*.

* * *

Duas distinctas poetizas (ou alguem, que *indiscretamente as trahio*) offertarão-nos as mimosas poezias, que publicamos sob os titulos *Tristeza* e *A memoria de Luiza de Liz Corrêa*, a inditoza creança, cuja fronte intélligente e bella o *Parthenon* adornou de louros, que desdobrou o vôo para os céos quando a terra corria-lhe as cortinas de seu esplendido scenario.

São duas produções delicadas que revelão as mais felizes predisposições para a poesia.

* * *

Ao terminar esta chronica cumpre-nos consignar um acontecimento importante, de que fomos ha dias testemunhas, e que não podemos calar para cumprir um dever.

Ha ainda entre nós um prejuizo arraigado — que considera, quando menos, um *indiscreto*, aquellé que commenta um facto embora de grande alcance para a humanidade, para a sciencia — porque esse facto se passou no recesso do lar domestico.

Entretanto e devido talvez a esse fatal prejuizo — somos constantemente victimas ou da nossa imprevidencia ou do charlatanismo, que se apregoa e impõe. O facto á que alludimos apresenta uma dessas faces, representa uma d'essas lutas, que o lar domestico testemunha com desesperação; cala resignado, ou desafoga no pranto; luta da natureza contra si mesmo e em qué succumbe á sua propria evolução, se não á crassa ignorancia e a perversidade com que se exercem entre nós certas profissões com o criminoso consenso ou o funesto indifferentismo d'aquelles á quem cumpre velar a respeito.

Entre outras profissões ou artes á que mais communmente se dá o charlatanismo, é a da tocologia a que maior numero tem de adeptos, a que mais escandalosamente se exerce n'esta capital, e que por sua alta importancia torna mais grave a censura áquelles que tolerão a liberdade de seu exercicio.

Um d'esses casos prezenciamos nós, e nos indigna ainda o revoltante, o barbaro cynismo com que ouvimos dizer á uma joven senhora, em grave perigo de vida: — „Eu nada mais tenho a fazer, está tudo perdido . . . só Nossa Senhora a póde salvar.“

Felizmente, quando estas desanimadoras palavras cahião no seio da familia como um dobre por finados, chegava um medico distincto á quem estava reservado um verdadeiro triumpho para si e para a sciencia de que é incontestavelmente um digno sacerdote.

Era já quasi tarde: tinha a tratar de um caso obstreticio, dos mais difficeis — e que tinham ainda mais difficultado. . . .

Só então avaliamos e comprehendemos a posição do homem da sciencia, a do medico especialmente, cuja missão é arrucar das garras da morte a victima de que tenta apoderar-se . . . liamos-lhe nas feições, na crispção dos musculos as terriveis alternativas, as commoções porque passava, vendo em perigo duas existencias e devendo optar pela salvação de uma com o sacrificio da outra!

A delicção e a pericia porém, allião-se e põem-se em prova, a arte auxilia a natureza impotente em sua principal funcção, e algumas horas depois de árduas alternativas e de esforço sobrehumano — o milagre se operava, as duas existencias estavam salvas, e o distincto medico operador, o Illmo. Sr. Dr. Raymundo Caetano da Cunha registrava em sua pratica cirurgica mais um esplendido triumpho.

Aceite pois o illustre medico as nossas cordeaes felicitações já pelo brilhante rezultado que coroou a operação como pelo desprendimento e a humanidade com que a praticara.

Não pertencemos á *escola thuriferaria*; mais propensos á *escola contraria*, somos avaros de nossos elogios — que não costumamos dispensar senão ao — muito merito —, e é esse tambem o — unico merito — que podem ter os que agora e com effusão d'alma enviamos ao illustre medico operador.

* * *

Acaba de ser installada n'esta capital uma associação filial da *Sociedade Central de Geographia Commercial* em Berlin.

Consta-nos que é seu proposito tornar conhecida na Europa esta Provincia, demonstrando as grandes vantagens que offerece á colonização, afim de attrahir para ella a emigração espontanea.

Quando os malogros da colonização para o Brazil acabão de dar a seus inimigos, na Europa, com o facto da repatriação dos emigrantes russos — razão a sua propropaganda, a criação desta util associação parece-nos do maior alcance, e temos convicção de que prestará ao paiz e muito especialmente á provincia de S. Pedro do Sul reaes e importantissimos serviços.

O Bernardot.

Parthenon Litterario.

Extracto das actas das sessões de Maio de 1879.

Sessão ordinaria de 7 de Maio de 1879.

Presidencia do *Illmo. Sr. Achylles Porto Alegre.*

A's 7 $\frac{1}{2}$ horas da noite, achando-se presentes os Srs. Achylles, Ignacio Domingues, Paiva Filho, Duarte, Velho, Kraemer, Costa, Abreu, Braga, Guerreiro, Parrot, Tude, Torres, Appelles, D. de Carvalho, S. Nunes, Dr. Capistrano, Alencar, Appollynario, Borges e Feijó, é aberta a sessão.

EXPEDIENTE.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Officios. — E' lido um do Secretario da Sociedade *Philochoréa*; convidando a Directoria do *Parthenon* para assistir ao baile de sua instalação.

Propostas. — São propostos e aceitos socios effectivos, os Srs. Manoel Ignacio Pereira da Cunha, Augusto Candido Pereira da Cunha, Antonio Julio de Carvalho e Arthur Candal.

PRIMEIRA PARTE.

Entra em discussão o projecto apresentado pelo Sr. Appollynario, na sessão passada.

Fallão a favor do mesmo os Srs. Appelles e Appollynario, e contra, unicamente na parte relativa á distribuição dos livros da bibliotheca pelas diversas localidades da provincia, o Sr. Achylles.

E nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão ás 9 $\frac{1}{2}$ horas, ficando o Sr. Delphin com a palavra para a sessão seguinte.

Sessão ordinaria de 14 de Maio de 1879.

Presidencia do *Illmo. Sr. Achylles Porto Alegre.*

A's 7 horas da noite presentes os *Illmos.* Srs. socios A. Porto Alegre, Dr. Capistrano, Abreu, Ther. Alencar, Gama, Appollynario Porto Alegre, B. dos Santos, A. Torres, A. Duarte, D. de Carvalho, F. Bueno, E. Pedroza, S. Paiva, B. de Freitas, A. Braga, C. de Menezes, E. de Menezes, A. Parrot, J. Velho, P. Tude, S. Nunes e M. de Magalhães, constituindo numero legal, o Sr. Presidente abriu a sessão.

EXPEDIENTE.

Pelo Sr. 2.º Secretario é lida a acta da sessão antecedente, que foi approvada, depois de uma observação do Sr. B. dos Santos.

São propostos e approvados socios effectivos, os Srs. Dr. Vespasiano, Dr. Guillon, Daniel Job e Alferes Rodrigues Barcellos Filho.

Offertas. — Pela redacção da *Evolução*, jornal consagrado á causa democratica, que se publica na capital de S. Paulo, foi offerecido o seu primeiro numero.

PRIMEIRA PARTE.

O Illmo. Sr. Presidente diz — que, passando á primeira parte da sessão, era-lhe muito grato poder communicar á caza, que graças á dedicação e interesse do socio Lins de Menezes, que como *Adjuncto*, no impedimento do proprietario, exerce o cargo de *Thezoureiro*, o *Parthenon* saldou todos os compromissos contrahidos pela Directoria transacta; que, com quanto pequena somma, já conta um saldo em seus cofrès; e que a incansabilidade e zelo do socio Elias Pedroza acha-se a bibliotheca augmentada, intelligentemente organizada, e seus livros cathalogados.

Pede e obtem a palavra o Sr. Dr. Capistrano. Diz S. Sa. que vai fazer entrega de uma relação das pessoas que subscreverão para a sociedade Santa Isabel, que não chegou a fundar-se, e que resolverão fossem as importancias que assignarão applicadas á construcção de um edificio destinado ao *Parthenon*, cujas quantias se achão no Banco da Provincia, onde forão depositadas pelo finado thezoureiro José Innocencio Pereira. As assignaturas dos cessionarios são as seguintes:

Dr. Thimoteo Pereira da Roza. João Pereira Maciel. José Innocencio Pereira. Firmiano Antonio de Araujo. Clara Ferreira dos Reis. Faustino Ferreira de Oliveira Guimarães. Leonor Sarmiento Leite. João Gonçalves Duarte. Dr. Salustiano Orlando de Araujo Costa. Dr. Luiz José de Sampaio. Jayme Paradedda & Filhos. José Francisco dos Santos Pinto e Viscondessa da Graça.

SEGUNDA PARTE.

3.ª *discussão do projecto do Sr. Apollynario Porto Alegre.* Tendo ficado com a palavra o Sr. D. de Carvalho, lhe é ella concedida: S. Sa. vai justificar sua opposição ao projecto. Acha a idéa grandioza e sympathica, e se lhe faz opposição é porque entende que o *Parthenon* deve antes de tudo curar de si, consolidar-se, e empregar todo o esforço para adquirir um predio onde funcione, para augmentar a sua bibliotheca, e nunca distrahir os poucos livros que possui, distribuindo-os por outras bibliothecas, porque isto seria empregal-os improficuamente, seria semear para não colher, e que nem o *Parthenon* pode de fôrma alguma tomar o compromisso de enviar cem volumes para os nucleos de bibliothecas que se fundarem, porque elle não os tem. Termina o seu discurso dizendo que ainda mesmo sendo-lhe sympathica a idéa, reconhecendo o seu grande alcance moral, julga que o *Parthenon* não pode, nem deve tomar tamanha responsabilidade, e por estas razões, que julga de ordem superior, vota contra o projecto.

Pede e obtem a palavra o Sr. Bernardino dos Santos. Felicita-se por ver chegar á caza o autor do projecto no momento em que acaba de obter a palavra. Diz que na sessão anterior foi interpellado sobre

algumas das suas proposições sobre a instrução publica na provincia; sustenta-as e passa a demonstral-as. O orador concorda e applaude a idéa do projecto em discussão, vai dar-lhe até maior desenvolvimento: não quer porém contrahir para o *Parthenon* compromissos, que elle nunca poderia solver; o *Parthenon* não póde prometter auxilios materiaes, porque os não tem; não póde despojar-se dos livros de sua bibliotheca, porque esta é ainda deticientissima e indispensavel a uma associação litteraria; que mesmo grande que fosse ella, nunca com o seu voto seria da sua bibliotheca distrahido um só livro.

Se se diz que a bibliotheca do *Parthenon* não satisfaz aos seus fins porque ninguem a consulta, como asseverarão, e o orador contesta; se em uma cidade de quasi 40,000 almas, em que raras são os que não sabem ler, ella não aproveita: de que servirão os cem volumes, que se querem dar para a fundação de nucleos de bibliothecas populares em localidades, onde a instrução é nenhuma?

Orador diz que ao *Parthenon* só convém o papel de propagandista e não o de executor das idéas que' inicia; não lhe é pequena gloria ver a semente fecunda que lançou na terra uberrima deste pedaço d'America; germinar, desenvolver-se, crescer — e só! Pensando assim é que pede a criação de uma commissão promotora do desenvolvimento da instrução publica, a que incumba essa ardua e glorioza tarefa, a que prestará elle todo o esforço de que é capaz uma grande dedicação. Faz outras considerações sobre a instrução publica entré o norte e o sul da provincia, compara-a com a das outras provincias do Imperio, e conclue apresentando o seguinte:

Substitutivo ao projecto do Sr. Appollynario Porto Alegre.

O *Parthenon Litterario* decreta:

Que seja creada uma Commissão encarregada de promover a criação d'escolas e fundação de bibliothecas populares n'aquelles pontos da Provincia, onde o desenvolvimento da instrução seja tibio e precario.

A essa commissão, que se comporá de trez membros, incumbe:

Promover por todos os meios a seu alcance a criação d'escolas, onde as não houver, e a fundação de nucleos de bibliothecas populares, onde existir em exercicio, pelo menos uma aula publica, ou particular. Para a realização dessa grande idéa, appellará ao patriotismo das municipalidades respectivas, procurando obter d'ellas um auxilio qualquer, por mais exiguo que seja, para ser applicado á criação de escolas e de nucleos de bibliothecas populares n'aquelles districtos de seu municipio que não gozarem d'esses dous beneficios.

A fundação dos nucleos de bibliothecas será o complemento da criação das escolas.

No mesmo louvavel empenho a commissão procurará corresponder-se com os cidadãos mais conspicuos e prestigiosos das localidades, demonstrando-lhes a grande vantagem da instrução do povo, a imprescindivel necessidade da criação de escolas onde as não houver, e de nucleos de bibliothecas populares, onde aquellas já funcionem, ou se forem creando.

Essa correspondencia promoverá a propaganda a prol da instrução demonstrando as inestimaveis, vantagens da educação do povo e a

facilidade dos meios praticos, que podem ser empregados. para que a idéa pela qual propugna seja em breve uma auspiciosa realidade.

Para isso appellará aos sentimentos patrioticos e de philantropia. que tanto nobilitão o character riograndense, dos cidadãos a que se dirigir, lembrando-lhes entre outras medidas a da cotisação dessas influencias locaes e dos interessados para a aquisição de um professor habilitado, sob cuja guarda e direcção podem ficar os livros, que devem formar o nucleo da bibliotheca da localidade.

A Commissão organizará o programma do ensino e o regulamento para as bibliothecas populares.

A *Revista do Parthenon* abrirá em suas paginas uma secção especial para essa propaganda, publicando o rezumo da correspondencia trocada pela commissão com as diversas corporações ou influencias locaes que responderem a seu appello.

O *Parthenon Litterario* por sua vez, secundando o empenho da commissão e o esforço particular, prestará a essas escolas e bibliothecas o auxilio que fôr compativel a seus recursos.

Sala das sessões do *Parthenon*. 14 de Maio de 1879.

José Bernardino dos Santos.

Obtem a palavra o Sr. Appollynario Porto Alegre. O orador sente-se jubilozo por ver a sua idéa, depois de tenazmente combatida por numerosa oppozição. ser afinal acceita; e não só acceita. porém profundamente ampliada. As palavras do Sr. Bernardino dos Santos soarão-lhe gratamente ao ouvido, applaude-as. Como S. Sa. quer o *Parthenon* á frente da propaganda a pról das grandes idéas, diz que entre nós os privilegios suffocão as inspirações mais santas, os sentimentos mais nobres, e que é mister illustrar o povo, para que elle se compenetre da missão que lhe está confiada.

Faz o historico da fundação das bibliothecas populares nos Estados-Unidos iniciada por Franklin; compara o estado da instrucção da provincia e do Brazil com a de outros paizes, abunda em considerações philosophicas e conclue prestando seu appoio ao substitutivo. admittindo as modificações propostas á segunda parte de seu projecto.

Concedida a palavra ao Sr. A. Duarte: diz S. Sa. que, com quanto este projecto esteja amplamente discutido pelos dous lados da cauza, fortes ambos pela qualidade e illustração de seus athletas. devia manifestar-se em face desta discussão, e definir sua attitude: o orador conservou-se calmo na discussão do projecto, não deo um só aparte, porém no momento de ser votado queria explicar o seu voto. Acha o projecto grandiozo. mas o considera inrealizavel. pois que o *Parthenon* não tem em sua bibliotheca volumes que possa mandar cem para todas as localidades onde se estabelecerem os nucleos de bibliothecas. e que ainda que os tivesse. não o deveria fazer. porque seria tirar de si para dal-os á lugares onde a instrucção não está bastante desenvolvida para corresponder á esperança que nutre o illustre autor do projecto, e conclue dizendo que não pôde comprehender uma associação litteraria sem livros, e que estas e outras considerações o fazião votar contra o projecto.

O Sr. Delfim de Carvalho obtem ainda a palavra. e demonstrando que a discussão do projecto tem occupado trez sessões e estava sufficientemente elucidada. pede o seu encerramento.

O Sñr. Presidente consulta a caza e esta approva o requerimento; e postos a votos são approvados o projecto e seu substitutivo.

S. Sa. nomeia para a commissão promotora do desenvolvimento da instrucção publica na Provincia os Srs. Souza Lobo, Appollynario e Appelles Porto Alegre.

E nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão ás 10 horas da noute.

Sessão Ordinaria de 2 Maio de 1879.

Presidencia do Illmo. Sr. Achylles Porto Alegre.

A's 7 horas da noute, achando-se presentes 23 Srs. socios foi aberta a sessão.

EXPEDIENTE.

O Sr. 2o. Secretario faz a leitura da acta da sessão antecedente, que, depois de longamente discutida, foi approvada.

Revista do Parthenon. — Pelo Sr. Bernardino dos Santos são entregues 15 exemplares do 1o numero da 4a. serie da *Revista contemporanea do Parthenon.*

PRIMEIRA PARTE.

Pede e obtem a palavra pela ordem o Sr. Appollynario Porto Alegre. Diz que vem protestar contra a incoherencia da caza na votação do projecto que apresentou, e seu substitutivo, e espraia-se em largas considerações a respeito.

O Sr. Carlos Alencar segue-se-lhe com a palavra sustentando o protesto.

O Sr. Delphim de Carvalho vem a tribuna explicar o seu voto contra o projecto, e porque o deo ao substitutivo.

O Sr. Bernardino dos Santos obtendo a palavra vem rectificar 'o engano — lê a acta e demonstra que o projecto de seu illustre amigo e collega, não foi tal regeitado, mas modificado apenas na parte que se referia á doação de cem volumes aos nucleos de bibliothecas populares, que se creassem.

Fallão ainda pela ordem outros Srs. socios, e tomando o debate demaziado calor, e o character de dialogo, o Sr. Presidente declara que não póde continuar a discussão; que se trata de questão vencida, e por isso suspende a sessão por meia hora.

Reaberta a sessão ás 8¹/₂ horas obtiverão diversos socios a palavra ainda pela ordem.

Forão nomeados os Srs. Bernardino dos Santos, Elias Pedroza e Domingues Filho para em nome do *Parthenon Litterario* darem os pezames ao Sr. Antonio José Lisboa Junior, pelo fallecimento de seu pae.

SEGUNDA PARTE.

Não foi presente o parecer sobre a these philozophica. E nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão ás 9¹/₂ horas da noute.
